
CULTURA E EDUCAÇÃO

Abordagem necessária para planejar aulas

Emanuely Wouters Silva ¹

Resumo: O presente artigo tem como tema o planejamento das aulas utilizando como base a cultura dos alunos. O objetivo desse estudo é compreender a importância da cultura dos alunos para o planejamento das aulas. Para tal, foi desenvolvida uma Pesquisa Bibliográfica baseada em Laraia (2001), Silva (2009), Brandão (2002), Durkheim (1975), Freire (2001), Moreira e Masini (1982), Paviani (1991) e Paro (2008). Para selecionar as obras, levou-se em conta suas contribuições para o tema do estudo e, no percurso, foram elencados os conceitos principais de cada autor para selecionar os escritos pertinentes ao objetivo do estudo. Os resultados apontaram que a cultura do aluno é proveniente do contexto em que vive e de tudo que adquire na vida, como valores e capacidades, baseado em suas crenças, locais que frequenta e pessoas que convive, o que deve ser levado em consideração pelo professor no planejamento das aulas para propiciar uma aprendizagem que tenha significado aos alunos.

Palavras-chave: Prática educativa, Educação cultural, Planejamento.

Culture and education: A necessary approach to planning lessons

Abstract: This article has as its theme the planning of classes based on the culture of the students. The purpose of this study is to understand the importance of students' culture for lesson planning. To this end, a Bibliographical Research was developed based on Laraia (2001), Silva (2009), Brandão (2002), Durkheim (1975), Freire (2001), Moreira and Masini (1982), Paviani (1991) and Paro (2008)) To select as works, their contributions to the theme of the study were taken into account and, along the way, the main concepts of each author were listed to select the writings relevant to the objective of the study. The results showed that the student's culture comes from the context in which he lives and from everything he acquires in life, such as values and resources, based on his beliefs, places he attends and people who live together, which must be taken into account by the teacher in the planning of classes to provide learning that has meaning to students.

Keywords: Educational practice; Education; Culture; Planning.

1 INTRODUÇÃO

Todas as vivências do aluno antes de entrar na escola fazem parte de sua formação, pois a educação que recebe em seu cotidiano, por meio das pessoas com as quais convive, é o que dá início a formação de sua personalidade e suas concepções de mundo. Sendo assim, ao adentrar na educação formal, o aluno já é um ser ideológico, ou seja, já tem sua maneira de enxergar o mundo. Nessa perspectiva, não podemos achar que numa sala de aula, encontraremos os alunos

¹ Licenciada em Química pelo Instituto Federal Farroupilha, campus Panambi. Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

“crus”, para os quais vamos partir do zero transmitindo conceitos soltos enquanto ele os armazena como uma máquina de captação de informações (DURKHEIM, 1975; LOPES, 2011).

Ao planejar uma aula, o professor deve considerar o aluno como um todo, sua bagagem cultural e suas singularidades, pois conhecer a realidade de cada um, ajudará na condução de um planejamento que propicie uma aprendizagem significativa (MOREIRA e MASINI, 1972), o que deve ser o principal foco da escola, visto que uma escola que não conhece o seu aluno, resulta em uma escola despreocupada com a realidade, assumindo um caráter essencialmente técnico de cumprimento de horário e de currículo.

Pautando-se na concepção de que o professor deve considerar a subjetividade de cada aluno e a cultura existentes no contexto da escola ao planejar as aulas e partindo do princípio que o homem é o único ser possuidor de cultura e que cada um adquire a cultura de modo diferente, tornando-o ser único (LARAIA, 2001), o presente trabalho tem como objetivo compreender a importância da cultura dos alunos para o planejamento das aulas.

Diante disso, foi desenvolvida uma Pesquisa Bibliográfica, detalhada no capítulo do Percorso Metodológico, servindo como base para estruturar o restante do estudo. Os resultados e discussões estão subdivididos em três momentos: no primeiro será apresentada uma breve concepção de educação; no segundo, discutida a cultura na escola; e, no último, analisadas as concepções de cultura e educação atreladas ao planejamento das aulas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização da Pesquisa Bibliográfica é essencial definir e: “expor com clareza o método e os procedimentos metodológicos (tipo de pesquisa, universo delimitado, instrumento de coleta de dados) que envolverão a sua execução” (LIMA e MIOTO, 2007, p. 03). Assim como definir e expor cada etapa do estudo, pois a pesquisa deve ser organizada e bem estruturada, para que não seja configurada como relatos simplistas.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoocultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

A metodologia dessa Pesquisa é Bibliográfica e o universo de estudo foi delimitado utilizando como parâmetro os temas abarcados no objetivo desse estudo: cultura, educação, subjetividade e planejamento das aulas. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados são artigos e livros dos seguintes autores: Laraia (2001) e Silva (2009), Brandão (2002), Durkheim (1975), Freire (2001), Moreira e Masini (1982), Paviani (1991) e Paro (2008).

A principal técnica desta Pesquisa Bibliográfica foi a leitura sistemática dos artigos e/ou livros selecionados dos referidos autores. Lima e Miotto reiteram a necessidade de realizar diferentes leituras do material. Diante disso, explicam as diferentes formas de leitura realizadas no desenvolvimento da pesquisa, foram: leitura de reconhecimento do material bibliográfico - localização e seleção do material que apresenta dados referentes ao tema de estudo; leitura exploratória - verificação do material selecionado com vistas a ver se, de fato, existem informações relevantes para o estudo; leitura seletiva - momento em que se lê o material e se seleciona o que é pertinente para o estudo e diretamente relacionado aos objetivos da pesquisa; leitura reflexiva ou crítica - momento em que se compreende o material e se estuda criticamente a partir de critérios, buscando responder aos objetivos da pesquisa; e leitura interpretativa – interpretação dos dados e das teorias dos autores associada ao problema da pesquisa, segundo os autores é o momento de leitura mais complexo, pois: “Requer um exercício de associação de idéias, transferência de situações, comparação de propósitos, liberdade de , pensar e capacidade de criar” (2007, p. 05).

Com essa base, após as leituras do reconhecimento e exploratória, foi realizada a leitura seletiva, a qual serviu de aporte para elencar os principais conceitos a serem investigados em vista de alcançar o objetivo do estudo. O quadro 1 apresenta os artigos e livros utilizados, bem como os principais conceitos de cada autor. As leituras reflexiva e interpretativa foram desenvolvidas para elaborar os resultados e discussões desse estudo.

Quadro 1 – Assunto central analisado por obra

TÍTULO DO ARTIGO/LIVRO	AUTOR	ASSUNTO CENTRAL ANALISADO
O que é educação?	BRANDÃO, Carlos Rodrigues	Conceito de Educação
Educação e sociologia	DURKHEIM, Émile	Aluno como um ser culturalmente construído
Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo		2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura		rev.edu.cult@cesg.edu.br

Política e Educação	FREIRE, Paulo	Aluno como um ser histórico social e a aprendizagem pautada no contexto
Cultura: um conceito antropológico	LARAIA, Roque de Barros	Conceito de Cultura
Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.	MOREIRA Marco Antonio. MASINI, Elsi Salzano	Aprendizagem científica baseada nos conhecimentos preexistentes
Educação como exercício de poder: implicações para a prática escolar democrática	PARO, Vitor Henrique	Concepções entorno da Educação
Problemas de filosofia da educação	PAVIANI, Jaime	Aprendizagem, educação e cultura
Subjetividade, Individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural	SILVA, Flávia Gonçalves da	Subjetividade

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3 O DESENVOLVER DO ASSUNTO: RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Afinal, o que é Educação?

A educação escolar não é a única que recebemos durante a vida, pois educação tem um significado muito mais abrangente que isso. Nós somos educados tanto dentro quanto fora da escola, educação não ocorre somente em ambientes formais, mas sim em todos os lugares sobre tudo que fazemos. Portanto, a educação não pode se limitar à escola, muitas vezes este é o espaço menos influente em relação à educação que um ser humano recebe, visto que, a vida é um espaço de aprendizagem. Além disso, cada cultura, cada espaço social e cada povo, concebe a educação de maneira diferente, sendo assim, a educação não pode ser generalizada, pois pode significar para um, o que não significa para outro (BRANDÃO, 2002).

Paro (2008) relata que segundo o senso comum, o conteúdo é o principal foco da educação, pois a maioria das pessoas acredita que educar é a transmitir informações de um sujeito para outro (educador-educando), não levando em conta as subjetividades desses sujeitos, nem mesmo suas origens ou culturas, tal conceito de educação é o mesmo da escola tradicional, na qual o educador é detentor do saber e o educando decora informações para testes e/ou provas. No entanto, do ponto de vista científico, a educação é tida como apropriação da cultura, destacando que educar é considerar o sujeito como um todo, não apenas prepará-lo para responder questionários ou ser ativo no mercado de trabalho, mas para se constituir ativo,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoocultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

pensante e participante na sociedade, visto que constrói o conhecimento embasado em situações concretas de suas próprias vivências.

A concepção de educação do ponto de vista científico, supracitada na visão de Paro (2008) importa-se com a história do sujeito, bem como sua cultura, na qual, o educador preocupa-se em instigar o educando a aprender e significar sua aprendizagem, por meio de metodologias que ofereçam a ele maneiras de construir o conhecimento apoiado em conhecimento prévio da sua realidade para que continue sua construção histórico-social.

Freire (2001) escreve sobre a educação enquanto prática educativa e deixa claro que a mesma metodologia não funciona igualmente em todos os lugares, pois “A intervenção é histórica, é cultural, é política. É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas mas reinventadas” (p. 26). Nessa perspectiva, quando estamos falando na educação enquanto prática educativa, é preciso considerar o contexto em que ela ocorre, quem são os sujeitos envolvidos no processo, pois não existe fórmula única de educar, o educador precisa se adequar ao meio.

3.2 Cultura e Escola

O ambiente escolar é composto por diversas culturas. Laraia (2001), em suas pesquisas sobre o conceito de cultura, escreve que o que a constitui em uma pessoa é: “todo comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje” (p. 16). Desse modo, cada participante da escola é um ser único, cada indivíduo aprende o que vivencia, da forma que vivencia, isto é, alunos, professores, funcionários, pais de alunos, entre outras pessoas que são abarcadas pela instituição, pois ninguém se constitui exatamente igual, das mesmas crenças, valores e hábitos.

Segundo Durkheim (1975): “A escola não pode ser propriedade de um partido; e o mestre faltará aos seus deveres quando empregue a autoridade de que dispõe para atrair seus alunos à rotina de seus preconceitos pessoais, por mais justificados que eles lhe pareçam” (p. 58). Considerando então, o contexto escolar como multicultural, por abranger diversas culturas e diversos pensamentos de quem o

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

compõe, seria desonesto que o professor impusesse seus ideais particulares sem levar em consideração o conhecimento e opiniões que seus alunos já possuem do mundo.

Se analisarmos a quantidade de pessoas envolvidas com a Escola, fica impossível determinar um parâmetro singular para qualquer atividade, ou seja, quando são programadas uma festa, uma janta ou uma reunião, por exemplo, não tem como saber o modo correto para que se suceda tal evento. Isto é, porque não existe um modo correto. O que existe é o pai da Joana que queria uma festa com samba, porque foi criado no sambódromo e a vó do Pedro que queria feijoada na janta porque é uma comida típica da região em que ela cresceu. Esses são pequenos exemplos do que uma cultura específica representa em um contexto amplo, por isso é importante conhecer o local em que se trabalha para saber com que pessoas se está trabalhando. Mas, o local onde ocorrem atividades com mais frequência, é a sala de aula, e, se nos preocupamos com os eventos que ocorrem, precisamos preocupar-nos essencialmente com o que ocorre na sala de aula.

3.3 Educação, cultura e planejamento

A sala de aula, é um ambiente multicultural e de amplas identidades, personalidades e subjetividades, sendo assim, é imprescindível que o professor procure conhecer seus alunos e sua bagagem cultural para que a aprendizagem se torne significativa (MOREIRA E MASINI, 1982). Sobre isso, escreve Paro (p. 5): “Não basta conhecer determinado conteúdo e “explicá-lo” a seus alunos, é preciso saber como ensinar os conteúdos da cultura de modo a que se alcance a formação da personalidade do educando”. Isto é, considerar o aluno como um ser inteiro, que traz em si toda a educação que recebeu nos ambientes não formais de ensino, que são todos aqueles que ele participa e que constroem sua personalidade e cultura. Portanto, ensinar um conteúdo “solto” não terá tanto significado, mas ensinar um conteúdo baseado no que o aluno tem de conhecimento prévio e naquilo que ele considera importante, com certeza representará algo que o aluno considere efetivo para seu cotidiano.

Sobre o aluno, Durkheim (1975) ressalta:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Ele não se encontra em face de uma tábula rasa, sobre a qual poderia edificar o que quisesse, mas diante de realidades que não podem ser criadas, destruídas ou transformadas à vontade. Não podemos agir sobre elas senão na medida em que aprendemos a conhecê-las, em que sabemos qual é a sua natureza e quais as condições de que dependem; e não poderemos chegar a conhecê-las, se não nos metermos a estudá-las, pela observação, como o físico estuda a matéria inanimada, e o biologista, os corpos vivos (p. 44).

Com base nessa escrita, podemos reafirmar que o aluno já possui conhecimento adquirido em suas vivências e que nós, professores, temos como dever conhecê-los, pesquisar quais são seus conhecimentos prévios, de que realidades eles vêm e, mais do que isso, importar-nos com cada singularidade no desenvolvimento das aulas e do planejamento, porque o aluno constrói o conhecimento segundo sua visão de mundo.

Para que o ensino seja efetivo, a escola precisa ir além de apenas ensinar o conteúdo, é necessário conhecer o aluno para quem está ensinando, bem como escreve Paviani (1991): “o ensino que não leva em consideração o meio social e histórico do homem e, ao mesmo tempo, a contribuição do conhecimento científico, tem poucas condições de eficácia e, certamente, se tornará uma forma de alienação” (p. 55), isso explica porque é tão importante considerar o aluno, como um ser construído historicamente, pois o que não vem disso, faz parte de uma escola distante da realidade e despreocupada com os processos formativos, pois deixa de ensinar conceitos que crescerão na formação do seu aluno, para ensinar conceitos soltos que não farão sentido nenhum.

É preciso planejar as aulas de diferentes maneiras, utilizando diferentes métodos, ferramentas, tendo como base que na sala de aula não existe “o aluno”, mas sim vários alunos, com diferentes culturas e personalidades, as quais configuram a subjetividade, que é segundo Silva (2009),

entendida como aquilo que diz respeito ao indivíduo, ao psiquismo ou a sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a singularidade de cada pessoa (p. 02).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Desse ponto de vista, esclarecemos que a subjetividade é construída por cada indivíduo no que se refere a sua formação, no sentido amplo da palavra, o indivíduo é formado por tudo aquilo com que ele convive, espaços e lugares que frequenta e pessoas que fazem parte do seu cotidiano. Deste modo, é impossível que existam duas pessoas iguais, por isso, uma sala de aula constitui um ambiente ricamente subjetivo e o professor precisa abandonar a forma de escola tradicional, na qual ele é considerado o único que tem importância, voz ativa e é o exclusivo sabedor.

Quando um professor planeja sua aula, ele faz uma espécie de roteiro, o qual é constituído pelo conteúdo e pela metodologia a ser utilizada. Se pensarmos em um professor essencialmente tradicional, estamos falando sobre um professor conteudista que utiliza somente a metodologia expositivo dialogada. Esse professor, durante muito tempo foi o único exemplo que existiu, tanto que, até hoje, quando olhamos uma novela ou filme que retrata o professor, é geralmente como figura tradicional que ele é apresentado.

Saber que por tanto tempo o professor, em geral, seguia uma tendência tradicional, é chocante, porque, além do professor tradicional que historicamente sempre existiu, o universo multicultural da sala de aula também sempre existiu, mas isso não era de conhecimento geral, pois o professor era considerado como detentor de saberes absoluto, o aluno não era considerado peça importante para o planejamento de suas aulas, o que, com o tempo vem sendo modificado.

Quando um conceito é construído e mantido por muito tempo historicamente, leva tempo para que ele seja mudado, a escola tem essa “fama” tradicional e isso perpetua não só a sua imagem para pessoas alheias a ela, mas também para os próprios envolvidos, o que acarreta em uma escola que deixa de lado a cultura no desenvolvimento da prática educativa e isso contribui para o que se considera função da escola, segundo Paviani (1991),

a função cultural da escola e da universidade continua sendo uma função secundária e, em alguns casos é simplesmente ignorada. Em consequência, o ensino ministrado transmite um conhecimento formal e técnico distanciado da realidade; apresenta conceitos vazios de significado por se encontrarem distante da cultura real do povo, longe da dinâmica dos grupos sociais (p. 49).

A escrita do autor corrobora como a nossa teoria de que a cultura deveria ser base para o ensino e servir para determinar como os conteúdos devem ser ministrados

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

de modo que propiciem uma aprendizagem que não seja distante da realidade de seus alunos, mas infelizmente de modo geral, ainda é considerada como função secundária da escola.

Conforme Durkheim (1975): “Todo o passado da humanidade contribuiu para estabelecer esse conjunto de princípios, que dirigem a educação de hoje; toda nossa história aí deixou traços, como também o deixou a história dos povos que nos procederam” (p. 44). Hoje, podemos dizer que a figura do docente já não é sempre a mesma, daquele professor detentor do saber e, que o aluno é peça tão importante na escola quanto o professor, o que demonstra que os conceitos vêm evoluindo, porque a escola atual, cada vez mais relaciona ensino e aprendizagem, que ocorrem simultaneamente entre professor e aluno, o que, segundo o autor, faz parte do que vem constituindo a educação historicamente.

Como supracitado, é chocante o fato de o professor tradicional sendo modelo único por muito tempo, porque esse tipo de professor contempla apenas a aprendizagem de um ou alguns alunos, mas não de todos. Entretanto a sala de aula é um ambiente multicultural, o que significa que cada aluno aprende de uma forma e não existe forma única de ensinar, por isso, utilizar sempre o mesmo modelo de metodologias e de avaliações, é impossibilitar que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprender, cada um a seu modo.

A partir disso nos questionamos: se planejarmos as aulas sempre a nosso modo, utilizando uma metodologia específica, como propiciaremos um ambiente de construção do conhecimento para todos os alunos? A resposta é óbvia, considerando que o ambiente da sala de aula é multicultural e subjetivo e que cada aluno aprende a seu modo, não propiciaremos aprendizagem significativa para todos.

Paro (2008) diz que os alunos aprendem aquilo que querem, não de uma maneira rebelde, mas automaticamente, aprendem o que possui significado para eles: “seu conteúdo é a própria cultura humana em sua inteireza, como produção histórica do homem, não se bastando nos conhecimentos e informações, como costuma fazer a educação tradicional” (p. 3). Por isso, o professor precisa propiciar um ambiente no qual o aluno tenha interesse em aprender, significando os conteúdos baseado na cultura, é essencial que se conheça a realidade dos seus alunos, fazendo isso de maneira informal, por meio de conversas diárias com a classe, ou utilizando alguma

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

ferramenta como um questionário que seja possível perceber, ainda que minimamente, que realidade seus alunos vivem e como são e, partindo disso, planejar suas aulas procurando contemplar e respeitar a subjetividade de cada um. Ibid. (2008):

Não se trata de cair na não-diretividade ou no espontaneísmo, mas de oferecer ao educando condições para que ele, sem sacrifício de sua subjetividade, associe-se aos propósitos educativos do educador, respondendo positivamente à orientação da aprendizagem proporcionada pela pessoa ou instituição responsável por seu ensino (p. 05).

Planejar baseando-se no próprio aluno, não significa ensinar apenas o que ele quer, mas utilizar como base aquilo que ele sabe e vive, da maneira que ele melhor aprende, para ensinar conteúdos e construir o conhecimento científico segundo se deve, instigando o aluno a querer aprender conforme seus interesses não prejudicando o conteúdo que deve ser ensinado.

Sobre a educação envolver particularidade, Brandão (2002) é expressivo, escrevendo que dela faz parte a ideologia e demonstrando assim, ser um processo singular do indivíduo: “A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia de grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz, para fora, que sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor (...)” (p. 4). Como e por que transformar sujeitos, na sala de aula, em alguma coisa melhor? Não existe uma única fórmula, mas o que sabemos é que se partirmos de seus próprios interesses, tendo em vista que a educação não se constrói exclusivamente nos ambientes formais, contribuiremos para que o aluno evolua e construa conhecimento com bases científicas.

Para que a escola cumpra com seu objetivo de “melhorar” os alunos, o ensino deve ser voltado aos próprios alunos, como tudo que foi discutido até agora. O aluno possui seus conhecimentos cotidianos, de senso comum, e esses conhecimentos evoluem na educação formal se forem utilizados como alicerce para a construção do conhecimento científico, que é apoiado em fatos. Além disso, uma escola conhecedora da realidade, tende a formar alunos com suas opiniões formuladas mediante os conhecimentos adquiridos, isto é, alunos críticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Ao planejar uma aula, o professor precisa considerar a amplitude que ela representa. Se existem 10 alunos, existirão 10 modos de aprender diferentes, então, é pertinente que as metodologias e avaliações utilizadas sejam variadas para que cada aluno tenha oportunidade de aprender e de ser avaliado a seu modo. Entretanto, isso só será possível quando o professor se propuser a conhecer seus alunos e a realidade que eles vivem.

A cultura que o aluno possui é proveniente do contexto que vive e de tudo que adquire na vida, como valores, capacidades, baseado em suas crenças, locais que frequenta e pessoas que convive, contribuem para a construção de sua subjetividade, o que deve ser levado em consideração pelo professor no planejamento das aulas para propiciar uma aprendizagem que tenha significado aos alunos.

Temos, portanto, que: subjetividade é a exclusividade, a singularidade e a personalidade de cada aluno; cultura é tudo o que o aluno adquire em suas vivências, dependendo do meio e das pessoas com quem convive; o planejamento das aulas deve ter cultura e subjetividade como base, o que depende do professor conhecer a realidade de seus alunos; e que se a escola não for um ambiente baseado na cultura e na realidade, a educação escolar não faz sentido.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2002.

DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

FREIRE, P. **Política e Educação**. 5 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. SPE, p. 37-45, 2007.

LOPES, J. P. Representações sociais de professoras polivalentes sobre educação matemática. **Anais do XIII CIAEM-IACME**, Recife, Brasil, 2011. Disponível em < <http://www.gente.eti.br/lematec/CDS/XIIICIAEM/artigos/420.pdf> >. Acesso em: 28 de março de 2021.

MOREIRA M. A. MASINI, E. S. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Editora Moraes, 1982.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

PARO, V. H. **Educação como exercício de poder**: implicações para a prática escolar democrática. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

PAVIANI, J. **Problemas de filosofia da educação**. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

SILVA, F. G. da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 2009, pg. 169-195.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2021 - Vol. 12 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoocultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br